

**Dr. Steven D. Mathewson,
Pregando Narrativas do Antigo Testamento,
Sessão 1,
O Desafio de Pregar Narrativas do Antigo Testamento**

Aqui é o Dr. Stephen D. Mathewson, em sua série sobre a pregação de narrativas do Antigo Testamento. Esta é a primeira sessão, "O Desafio de Pregar Narrativas do Antigo Testamento". Estamos prestes a começar a estudar como pregar a literatura narrativa do Antigo Testamento, e eu sou Steve Mathewson.

É um privilégio servi-lo, ajudando-o a trilhar o caminho do aprendizado da pregação da narrativa do Antigo Testamento. Talvez você queira saber quem sou eu e por que faço isso. Então, permita-me contar um pouco sobre mim. Sou pastor há cerca de 39 anos.

É difícil acreditar que já faz tanto tempo. Então, eu sou um pastor pregador. Pregó semana após semana, não apenas aos domingos.

Gosto de dar a outros a oportunidade de pregar também, mas essa é uma das minhas principais funções. Então, estou no ministério. Pregó regularmente.

Também tive o privilégio e a oportunidade de lecionar bastante em alguns seminários e faculdades bíblicas. Concluí meu mestrado em Antigo Testamento no Western Seminary em Portland, Oregon, e depois me mudei para Montana, onde iniciei meu ministério pastoral. Enquanto estava lá, tive a oportunidade de fazer um doutorado em Ministério no Gordon-Conwell Theological Seminary, sob a orientação de Haddon Robinson.

E a partir disso, fiz minha dissertação sobre a arte de pregar a literatura narrativa do Antigo Testamento. E consegui transformar isso em um livro. Ele já está em sua segunda edição.

Chama-se "A Arte de Pregar a Narrativa do Antigo Testamento", da editora Baker Academic. É de 2021. Publiquei-o pela primeira vez em 2003.

Se você tem alguma familiaridade com livros sobre pregação, talvez já tenha visto esta capa. Esta era a original, e não era ruim, mas eu recomendo fortemente que você a adquira se quiser explorar mais a fundo alguns dos assuntos que abordamos neste curso. Certifique-se de obter a edição mais recente.

Sinceramente, escrevi isto para me ajudar a entender melhor o que eu estava fazendo ao pregar sobre a literatura narrativa do Antigo Testamento, e fico feliz em

compartilhar com outros pastores e com aqueles que se interessam pela pregação e pelas narrativas do Antigo Testamento. Certa vez, eu disse ao Dr. Haddon Robinson: "Por que você não escreve um livro sobre a pregação de narrativas do Antigo Testamento? Seu livro sobre pregação bíblica foi tão útil." E ele respondeu: "Não quero fazer isso."

Por que você não faz isso? Então, acho que aceitei o desafio e tenho trabalhado nesse tema desde então. Ao longo do caminho, acho que foi minha forma tortuosa de educação continuada. Mesmo no meio do ministério pastoral, consegui entrar em um programa de doutorado em Bíblia Hebraica na Universidade de Stellenbosch, na África do Sul, e meu orientador lá, Christo Vandermeer, era alguém de quem eu havia aprendido muito sobre como a linguística se aplica ao estudo da literatura narrativa do Antigo Testamento.

Então, tive a oportunidade de fazer meu doutorado sob a orientação dele, e fiz isso mesmo enquanto trabalhava nesta segunda edição. E acredito que isso também contribuiu para o meu aprimoramento. Então, acho que se pode dizer que tive um pé em cada meio.

Lecionei no Western Seminary, minha alma mater. Aliás, dirigi o programa de doutorado em ministério deles por cerca de seis anos, se não me engano. Eu era o diretor do programa.

Lecionei em cursos de Doutorado em Ministério no Seminário de Denver, na Trinity Evangelical Divinity School e também no Seminário Teológico Moody. Atualmente, sou professor adjunto de pregação tanto no Seminário Teológico Moody quanto no Western Seminary, em Portland. Portanto, tive a oportunidade de estar inserido nesse mundo.

Mas, na verdade, o outro lado da moeda é o ministério pastoral, e é por isso que apresento isso a vocês como pastor. Então, vamos falar sobre a pregação da literatura narrativa do Antigo Testamento. Sabe, o que me impressiona é que as pessoas adoram histórias.

Se você entra em uma cafeteria, Starbucks ou qualquer outra cafeteria que você goste, e costuma prestar atenção às conversas — presumo que alguns de vocês façam isso —, às vezes, em cafeterias, é inevitável. Quer dizer, eu sei que sempre tem um grupo de pessoas com fones de ouvido, concentradas em seus smartphones ou laptops. Mas, às vezes, há grupos de pessoas conversando, e quando você as ouve, elas estão contando histórias, histórias sobre suas vidas.

As pessoas adoram histórias, não é? E sabe de uma coisa? Isso vale também para as pessoas para quem você prega. James K.A. Smith diz que nossos corações se alimentam de histórias. Acho que essa é uma descrição bem precisa.

Quer dizer, pense bem. As histórias realmente nos influenciam, não é? Elas plantam ideias e emoções em nossos cérebros.

O que quero dizer é que as histórias que assistimos ou ouvimos realmente nos moldam. Não importa se são filmes, noticiários da TV a cabo ou redes sociais. Aliás, até mesmo esportes.

No esporte, como você sabe, sempre há comentaristas buscando a história por trás dos grandes jogos. Bem, tudo isso significa que precisamos aprender a transmitir bem as narrativas do Antigo Testamento. Essa é uma habilidade realmente importante.

E, pensando bem, a enorme quantidade de histórias no Antigo Testamento significa que é importante aprender a pregá-las, e isso também nos dá uma vantagem. Segundo as estimativas mais conservadoras, as histórias representam de 30 a 40% do Antigo Testamento. Portanto, você pode se beneficiar das histórias de Davi, Rute, Sansão e Jezabel quando estiver diante de pessoas em sua congregação que são realmente moldadas e influenciadas por histórias.

Gosto do que o teólogo R.C. Sproul, o falecido R.C. Sproul, disse certa vez: "Sou muito a favor de pregar a partir de narrativas porque as pessoas prestam dez vezes mais atenção a uma história do que a uma lição abstrata". Então, parece que temos uma enorme vantagem quando se trata de pregação.

Mas, infelizmente, não é tão simples assim. Os pregadores muitas vezes negligenciam as narrativas, as histórias do Antigo Testamento, ou, como iniciantes aprendendo a tocar saxofone ou trompete, se você já ouviu uma criança do quarto ou quinto ano aprendendo a tocar esses instrumentos, pode ser meio doloroso, não é? Às vezes é assim que pregamos essas narrativas. Nós as pregamos, mas as pregamos mal, como iniciantes.

Portanto, nenhum dos problemas, seja a negligência com a narrativa ou a pregação inadequada, diz muito sobre nossa reverência pela Palavra de Deus, muito menos sobre nosso amor pelas pessoas para as quais Deus nos chamou para pregar. Assim, esta série de palestras tem como objetivo ensinar como pregar a literatura narrativa do Antigo Testamento com mais eficácia. Agora, por onde começamos? Bem, acho que um bom ponto de partida é identificar por que temos dificuldade com as histórias do Antigo Testamento. Por que dizemos que nos destacamos na carta aos Efésios, mas quando se trata de 1 Samuel, nossa, temos dificuldades? Acho que responder a essa pergunta nos ajudará a voltar ao caminho certo e talvez revelar algumas necessidades ou áreas que precisam de ajustes.

Existem alguns fatores que contribuem para o nosso baixo desempenho. O primeiro é que vemos as histórias como algo superficial. Talvez seja por isso que muitos de nós, nas igrejas em que crescemos ou em que estamos agora, tendemos a nos inclinar para as epístolas do Novo Testamento.

Aliás, eu adoro as epístolas do Novo Testamento. Às vezes as pessoas perguntam: "Qual é o seu livro favorito da Bíblia?" E geralmente é aquele sobre o qual estou pregando no momento ou aquele que estou estudando. E eu adoro as epístolas.

Mas, por algum motivo, nas igrejas em que cresci, e em muitas igrejas que conheço, é isso que ensinamos. Passamos um tempo estudando Romanos, Gálatas e Efésios, e talvez mencionemos as cartas de Pedro, mas é só isso. E uma das razões é que consideramos as histórias como algo superficial.

Sabe, me impressiona que muitas igrejas ensinem histórias bíblicas para as crianças que ficam no porão ou na ala de educação cristã da igreja, enquanto as epístolas de Paulo são o que os adultos estudam. Wesley Cord explica por que subestimamos a narrativa, e eu gostaria de ler o que ele diz. Ele afirma: "Geralmente, consideramos a narrativa opcional, uma questão de gosto e não de necessidade."

Podemos até mesmo desprezar a narrativa como uma forma de discurso mais adequada para crianças do que para adultos, ou mais para povos antigos e pouco desenvolvidos do que para pessoas instruídas e sofisticadas. E eu tenho visto isso nas igrejas onde pastoreei. Sabe, pastoreei em Montana por cerca de 20 anos, tanto em uma comunidade universitária quanto em uma comunidade rural.

Então, na igreja onde eu servia, havia desde cowboys até professores universitários. Depois, mudei-me para os subúrbios, os subúrbios ao norte de Chicago, Illinois, e lá havia muitos engenheiros químicos e doutores em ciências. Estávamos localizados bem perto de algumas das principais empresas farmacêuticas.

Mas o que eu percebi em todos eles é que, sabe, eles querem os fatos, me deem uma lista com marcadores, sabe, me deem algo bem argumentado. E existe uma espécie de desprezo pela narrativa. Histórias são para crianças.

No entanto, como vários professores bíblicos e teólogos têm argumentado, as histórias são importantes. N.T. Wright, por exemplo, defende que as histórias são um dos modos mais básicos da vida humana. E afirma que as histórias são frequentemente consideradas, erroneamente, como um substituto para a realidade.

E ele destaca que elas não existem meramente para ilustrar um ponto. Na verdade, há um número crescente de estudiosos do Antigo Testamento que reconhecem que existem fortes mensagens de sabedoria incorporadas às narrativas do Antigo Testamento. Como resultado, tive o privilégio de conhecer Eugene Peterson, o

falecido Eugene Peterson, quando morava em Montana, pois ele também morava em Montana.

E ele desafiou os pastores que menosprezavam as histórias. Ele diz: "Por que as histórias são frequentemente descartadas como não sendo adequadas para adultos? Mas por que, entre pastores sérios, elas são vistas com desdém, como se não fossem sérias o suficiente? E a resposta dele para isso, segundo ele, é ignorância. É ignorância, principalmente."

A narrativa é a forma mais adulta da linguagem, a forma mais séria que a linguagem pode assumir. E assim, ele argumenta que os pastores que têm a responsabilidade de manter as palavras das Escrituras vivas na mente de seus ouvintes, na mente e na memória da comunidade de fé que servem, precisam ter uma apreciação pela narrativa, pois grande parte da verdade de Deus nos é comunicada por meio de histórias. Essa é a primeira razão pela qual às vezes temos dificuldade com as narrativas do Antigo Testamento.

Desprezamos as histórias. Consideramos-nas como algo fútil para crianças, mas não são. Um segundo motivo é que nos frustramos com a sutileza da narrativa.

Se você já passou algum tempo lendo narrativas, entende que elas transmitem sua mensagem de forma mais sutil. Normalmente, elas nos mostram em vez de nos contar. Às vezes, penso que são como um desenho de ligar os pontos, em que você precisa conectar os pontos para formar a imagem.

E essa abordagem indireta frustra muita gente que quer que um texto apresente seu ponto de vista de forma direta. Aliás, acho que é por isso que algumas pessoas simplesmente preferem as epístolas de Paulo. Não que Paulo seja sempre fácil de entender.

Na verdade, Pedro diz isso, não é mesmo, em 2 Pedro 3:16, que alguns de seus escritos são difíceis, mas pelo menos ele os expõe de forma clara. E mesmo em frases longas, ele usa algumas bem extensas. Efésios 1:3-14 tem mais de 200 palavras.

Mas pelo menos ele expõe as coisas de uma maneira bastante direta. Haddon Robinson, que é meu mentor e realmente um dos decanos da pregação bíblica, pergunta: por que Deus não disse logo o que queria dizer, sem rodeios e histórias? Essa é uma pergunta que nos fazemos com frequência. Bem, essa é a dificuldade, não é? É tudo tão sutil.

E às vezes, quando é sutil, talvez isso signifique que nossa interpretação possa parecer mais subjetiva. Há uma terceira razão pela qual temos dificuldade com as narrativas do Antigo Testamento, e é que minimizamos o papel das histórias do

Antigo Testamento no cânone. No passado, alguns expositores bíblicos recorriam ao Antigo Testamento e suas narrativas apenas para ilustrar a verdade da Nova Aliança.

E eu me lembro de ter lido um livro didático sobre pregação que dizia isso sobre narrativas, que você não deve se basear nelas para fundamentar a doutrina. Para isso, você recorre ao Novo Testamento, às epístolas, mas essas histórias são ilustrações maravilhosas da verdade do Novo Testamento. Há um estudioso chamado David Duhl que oferece uma correção necessária.

Ele afirma que usar a narrativa do Antigo Testamento apenas para ilustrar os ensinamentos do Novo Testamento resulta na omissão de muitos ensinamentos do Antigo Testamento que podem servir como pano de fundo para a teologia do Novo Testamento, ou então como ensinamentos não repetidos no Novo Testamento. A lei da criação e a aliança estão presentes na narrativa do Antigo Testamento, que, se ignorada ou usada apenas para fins ilustrativos, criará muitos problemas de desequilíbrio bíblico. Uma estrutura teológica adequada deve incluir todo o Antigo Testamento.

E então ele cita 2 Timóteo 3:16, que nos lembra que toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem e a mulher de Deus sejam perfeitos e plenamente preparados para toda boa obra. Mas toda a Escritura é Escritura, e isso inclui o Antigo Testamento. Outro dos meus estudiosos favoritos do Antigo Testamento, Ian Provan, concorda quando diz que toda historiografia é também, em certo sentido, literatura ideológica.

Essa é difícil, não é? Palavras complexas. Toda historiografia, e conseqüentemente toda a escrita da história, é também, em certo sentido, literatura ideológica. Ou seja, busca expressar uma opinião.

Isso não a torna menos histórica. Temos isso hoje. Eu cresci no estado de Illinois, nos Estados Unidos, e um de seus heróis seria Abraham Lincoln.

E eu li muitos livros sobre Lincoln, biografias. Um que li nos últimos anos foi o livro de Doris Kearns Goodwin, "A Team of Rivals" (Uma Equipe de Rivais). É um livro brilhante sobre como Lincoln reuniu alguns de seus inimigos políticos ao seu redor e os tornou parte de seu gabinete.

Uma das razões era simplesmente ficar de olho neles, mas ele também não era orgulhoso demais para ouvir o outro lado e obter conhecimento especializado. E esse é o tema de um livro. Depois, li outro livro chamado "A Espada de Lincoln", que fala sobre como ele usava a oratória para defender seus pontos de vista.

Ambos os livros são históricos. Eles tratam de fatos, mas também são ideológicos. Doris Kearns Goodwin seleciona certos fatos da vida de Abraham Lincoln para demonstrar que ele era um homem que realmente sabia como atrair os líderes certos para o seu lado e que não se intimidava com pessoas que discordavam dele, nem mesmo com seus rivais políticos.

Por outro lado, o autor de A Espada de Lincoln lidou com os mesmos fatos históricos, mas selecionou outros para defender um ponto de vista diferente. A ideia é que nenhum deles violou a história, mas sim a escolheu para enfatizar um ponto. E é exatamente isso que os autores da narrativa do Antigo Testamento fazem.

Eles têm todos esses fatos de A a Z à sua disposição, e podem escolher B e C, depois F, G e L, e alguns outros, porque esses são os detalhes históricos que sustentam o argumento que desejam apresentar. Sempre lembro aos meus alunos que uma das seções do que chamamos de livros históricos em nossa Bíblia em inglês, esses livros, na verdade, fazem parte de uma coleção da Bíblia Hebraica conhecida como os Profetas Anteriores. E essa coleção inclui Josué, Juízes, Samuel e Reis.

Esses quatro livros. E, claro, em inglês, temos 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis. Mas Josué, Juízes, Samuel e Reis, esses quatro livros são os Profetas Anteriores.

Isso significa que eles estão transmitindo uma mensagem profética. Portanto, ao lermos essas narrativas, precisamos entender que elas fazem algo além do que imaginamos. Isso é importante porque recentemente surgiu um movimento que questiona se devemos nos desvincular do Antigo Testamento.

Um pastor muito influente, Andy Stanley, pediu aos seguidores de Jesus que considerassem, em suas palavras, desvincular seu ensinamento sobre o que significa seguir Jesus de tudo o que se refere à Antiga Aliança. Isso significa Antigo Testamento, ponto final. E isso inclui suas narrativas.

E ele diz que precisamos fazer isso pela fé da próxima geração. Ele afirma que, se ancorarmos nossa narrativa no Antigo Testamento ou na visão de mundo da Antiga Aliança, perderemos nossa posição no mercado, no mundo real, um mundo onde a ciência é considerada a verdade absoluta e as pessoas estão cada vez mais céticas em relação a assuntos religiosos. Eu entendo a preocupação que ele levanta, mas acho que essa é uma solução terrível: nos desvincularmos do Antigo Testamento.

Acredito que outros estudiosos, como Brent Strawn, já nos mostraram que o novo caminho a seguir é aprender a linguagem completa do Antigo e do Novo Testamento em conjunto, e como eles interagem. Só então poderemos questionar as interpretações equivocadas do Antigo Testamento. Essa é mais uma razão pela qual temos dificuldade com as narrativas do Antigo Testamento: tendemos a minimizar seu papel no cânone.

Talvez não achemos que sejam muito importantes. Número quatro, sejamos francos, ficamos intimidados pela linguagem e pela literatura do Antigo Testamento, não é? Quer dizer, é apenas uma questão prática, não é? A linguagem e a literatura do Novo Testamento parecem mais fáceis de lidar. Aliás, eu adoro o Novo Testamento.

Adoro estudar grego, assim como adoro estudar hebraico. Lembro-me de um professor de Novo Testamento que me disse uma vez, e eu lhe perguntei: "Por que você não se especializou em Novo Testamento?". Eu estava tentando decidir onde me encaixava. Será que eu deveria me concentrar em alguma coisa específica? E ele respondeu: "Bem, eu fiz isso porque aprender grego era mais fácil do que aprender hebraico. Simplesmente descobri que havia uma parcela menor da história que eu precisava conhecer para o Novo Testamento, em vez da abrangência do Antigo Testamento".

Entendo. Acho que escolher o estudo do Novo Testamento em vez do Antigo Testamento se assemelha a um cidadão dos Estados Unidos que se especializa em história dos Estados Unidos, em vez de história da civilização ocidental ou história mundial em geral. Quero dizer, a imensidão do Antigo Testamento, sua extensão, a dificuldade em aprender hebraico, embora eu possa discordar disso.

Acho que o hebraico pode ser muito divertido depois que você pega o jeito. Mas eu entendo. Pode ser muito desafiador.

Finalmente, em quinto lugar, outra razão pela qual temos dificuldades é que nos tornamos escravos de um estilo específico de pregação expositiva. Ficamos escravos de um método homilético específico. E talvez isso esteja um pouco ligado ao motivo pelo qual frequentemente pregamos as epístolas do Novo Testamento.

Não sei qual é o caminho mais difícil aqui. Mas o desafio é que encontramos uma abordagem que achamos que pode funcionar para as cartas do Novo Testamento. E muitas vezes escolhemos um estilo muito analítico.

Aliás, essa nem sempre é a melhor maneira de pregar uma carta do Novo Testamento. Mas, como essas cartas são muito bem argumentadas, talvez se prestem um pouco mais à análise. Então, quando chegamos a uma narrativa do Antigo Testamento, podemos tentar fazer a mesma coisa, e os resultados podem ser desastrosos.

Gosto do argumento de um professor de pregação, Don Wardlaw, quando diz que, quando os pregadores sentem que não pregaram uma passagem das Escrituras a menos que tenham dissecado e rearranjado essa palavra em uma espécie de argumento jurídico, na realidade eles subordinam a Palavra de Deus a um tipo

específico de raciocínio técnico. E acho que precisamos ser honestos quanto a isso. Às vezes é exatamente isso que fazemos.

Novamente, os pregadores evangélicos, e eu cresci nessa tradição, pareciam gostar desse formulário de pesquisa com legendas. Basicamente, nós percorremos nosso sermão e temos uma série de pontos em nosso esboço analítico, e os destacamos para que as pessoas que estão anotando possam registrá-los. Lembro-me da primeira série de sermões que preguei sobre um livro narrativo do Antigo Testamento, cujas gravações, felizmente, acho que se perderam há muito tempo.

Eu preguei sobre 1 Samuel e vou dar um exemplo do esboço que usei em 1 Samuel 7. Analisei a narrativa detalhadamente usando esse esboço. O primeiro ponto foi o arrependimento do povo de Deus. E quando preguei, disse: nos versículos 2 a 6, vemos o arrependimento do povo de Deus.

O arrependimento do povo de Deus. É preciso repetir isso. O segundo ponto foi a vitória do povo de Deus.

O terceiro ponto foi a prosperidade resultante para o povo de Deus. Meus três primeiros subpontos, quero dizer, eu fiz isso com subpontos. Então, sob o arrependimento do povo de Deus nos versículos 2 a 6 de 1 Samuel 7, eu tive a determinação de buscar ao Senhor, o decreto de se livrar dos ídolos e a decisão de oferecer confissão.

E repare que escolhi palavras que começam com a letra D. Tenho determinação, decreto, decisão, então tenho aliteração. E até as coloquei em paralelo. A determinação de buscar ao Senhor, o decreto de afastar os ídolos, a decisão de oferecer confusão.

E é lindo, não é? Mas não é assim que as narrativas funcionam. Não é assim que as histórias funcionam. E eu tive que aprender a, sabe, abandonar essa abordagem quando se trata de narrativa.

Quer dizer, sejamos francos, a receita para um sermão como este é bem simples, não é? É dividir o texto em um esboço analítico, temperar os pontos com paralelismo, salpicá-los com aliterações, servir por 30 a 35 minutos e preencher o esboço projetado nos telões. Não estou exagerando. Quero dizer, essa abordagem era popular quando comecei meu ministério pastoral e continua sendo assim quatro décadas depois.

Sabe, há algum tempo, visitei o site de uma importante igreja evangélica do Meio-Oeste americano, e o pastor sênior, um líder da denominação, disponibilizou seu sermão em formato de anotações e áudio. E eu admiro isso. Não estou tentando de forma alguma menosprezá-lo ou zombar do que ele está fazendo.

Só estou dizendo que essa é a abordagem à qual estamos acostumados. Então, cliquei em alguns dos seus esboços, e um deles, que era uma narrativa do Antigo Testamento, tinha como primeiro ponto a difamação da glória de Deus. Ora, se você é falante de inglês, quando foi a última vez que usou a palavra "difamação"? Ou já viu essa palavra impressa, ou assistiu a um filme na Netflix? Ninguém usa uma palavra assim.

Mas aí eu percebi, ah, ele precisava de uma palavra com V. Então ele usou a vilificação da glória de Deus, a vindicação da glória de Deus e a vingança pela glória de Deus. Lembro que um colega meu fez algo parecido numa aula que eu tive em Robinson.

Falaremos sobre isso um pouco mais adiante no curso, quando abordarmos a elaboração de esboços. O problema, porém, é que bons contadores de histórias não transmitem suas histórias por meio de esboços analíticos. Argumentarei, ao longo do curso, que precisamos, sim, de um esboço, mas explicarei como isso funciona.

Acho que funciona mais como um esqueleto. Eu preciso do meu esqueleto para estar aqui e dar a aula hoje, mas vocês não precisam ver o meu esqueleto, precisam? Acho que é assim que os esboços funcionam. Vamos falar sobre isso mais adiante.

Muito bem, então qual será a nossa estratégia? Essas são as razões pelas quais temos dificuldades, mas qual será a nossa estratégia daqui para frente? Bem, vamos abordar o lado hermenêutico ou exegético da pregação. Depois, também trataremos do lado homilético da pregação. Então, aqui temos o hermenêutico e o exegético.

Isso significa apenas que vamos estudar o texto. Precisamos aprender a interpretar a literatura narrativa, a forma como ela é comunicada. Mas, uma vez que façamos isso, uma vez que saibamos o que o autor está comunicando, então precisamos pensar em como vamos pregar isso.

Como elaboramos um sermão baseado em nossa compreensão do texto? Muito bem, aqui vão alguns esclarecimentos antes de encerrarmos esta primeira sessão. Primeiramente, o processo de desenvolvimento de uma mensagem expositiva a partir de um texto narrativo do Antigo Testamento deve ser fluido e artístico. Aliás, tenho falado sobre pregação expositiva, e existem muitas abordagens diferentes para esse tema, mas, em essência, a pregação expositiva trabalha com blocos de texto bíblico e livros.

Analisa passagens das escrituras e as desvenda. Revela o significado. Mas o que estou dizendo é que esse processo, tanto para estudar o texto quanto para proclamá-lo, precisa ser fluido e artístico.

Você precisa desenvolver uma sensibilidade para isso. No entanto, para aprender o processo, é necessário dividi-lo em suas partes componentes. Anos atrás, quando aprendi a dirigir, meu manual de autoescola descrevia uma curva à esquerda em pelo menos 10 etapas.

Talvez fossem 12. Não me lembro exatamente. Mas, na época, achei a coisa mais idiota que já tinha ouvido.

Quer dizer, sério? Dez passos? Então, quando eu for virar à esquerda, tenho que pensar em dez passos? Provavelmente vou sofrer um acidente. Bem, havia um método nessa loucura, e o que percebi mais tarde é que, ao dividir o processo em partes menores, consegui aprender os fundamentos corretamente. Aprender a pregar uma narrativa do Antigo Testamento funciona da mesma maneira.

A princípio, podem parecer um pouco mecânicas, mas fazemos isso para que possamos, eventualmente, remontá-las em um movimento artístico fluido. Muito bem, essa é a primeira coisa. Em segundo lugar, aqui vai uma palavra sobre o estudo de textos narrativos em hebraico.

Entendo que você pode ou não ter estudado hebraico bíblico, e se não o fez, quero que saiba que ainda assim é possível compreender essas narrativas. Isso não precisa ser uma desvantagem. Temos muitas ferramentas úteis que podem te ajudar, e se você ler sua Bíblia em inglês com atenção e comparar diferentes traduções, tudo ficará bem.

Então relaxe. Você não precisa ser um especialista em hebraico bíblico. Você não precisa conhecer o hebraico bíblico para pregar narrativas de forma eficaz.

No entanto, se você tiver a oportunidade de aprender hebraico, isso lhe dará uma vantagem. Felizmente, o tipo de literatura mais fácil de ler na Bíblia Hebraica é, adivinhe só? Narrativa. Aliás, o mesmo acontece no Novo Testamento em grego, especialmente no Evangelho de Mateus, que se desenrola de forma muito semelhante a uma narrativa hebraica.

Está escrito em grego, mas as histórias da Bíblia são as mais fáceis de ler nos idiomas originais. Então, se você fosse estudar o Antigo Testamento, se você fosse estudar hebraico, posso garantir, quase garantir, que um dos primeiros livros que você estudaria seria o livro de Jonas. Lembro-me de quando aprendi hebraico, trabalhamos muito com Jonas, porque a narrativa de Jonas é um livro mais curto. Mas a narrativa é muito mais fácil de ler do que alguns poemas de Isaías e até mesmo alguns dos Salmos.

Portanto, mais uma vez, se você não sabe hebraico, não se preocupe. Você ainda poderá entender o que uma narrativa está dizendo. Se você souber hebraico, mesmo que minimamente, poderá usá-lo com habilidade.

Mas antes de começarmos a pensar em como pregar ou como estudar as narrativas do Antigo Testamento, precisamos discutir o debate sobre a pregação centrada em Cristo, e faremos isso na nossa próxima sessão. Este é o Dr. Stephen D. Mathewson, em uma série sobre a pregação de narrativas do Antigo Testamento. Esta é a primeira sessão: o desafio de pregar narrativas do Antigo Testamento.